

CHÃO SEM GENTE, CÉU SEM PIPAS: A IMAGEM-MEMÓRIA DA PAISAGEM URBANA NO CONTEXTO PANDÊMICO

GROUND WITHOUT PEOPLE, SKY WITHOUT KITES: THE MEMORY-IMAGE OF THE URBAN LANDSCAPE IN THE PANDEMIC CONTEXT

BARBOSA, WANDERSON¹; VASCONCELOS, ILANE²; OLIVEIRA, ROSELINE³

¹Doutorando em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, wanderson_nascimento@ufal.br;

²Mestranda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, ilannee@hotmail.com;

³Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, roseline@fau.ufal.br.

RESUMO

As paisagens urbanas sofrem alterações constantes, as quais, ora marcam o imaginário coletivo, ora se camuflam no fluxo do tempo, tornando-se muitas vezes imperceptíveis. Nesse sentido, o presente artigo consiste em um esforço de entendimento acerca do contexto provocado pela Covid-19 e em um registro de seu impacto nas impressões e lembranças que passaram a configurar a imagem paisagística das cidades. Considerando as restrições de circulação social durante o auge da pandemia, adotou-se como parâmetro metodológico de investigação um embate entre revisão de literatura e aplicação de questionário online para coletar e aproximar dados oriundos do cenário de nove capitais do Nordeste brasileiro. Através do tratamento de dados qualitativos e quantitativos, a catalogação de uma amostragem geral de 100 respostas buscou identificar como os entrevistados perceberam uma paisagem bastante circunstanciada. Os resultados, também formatados na linguagem de fotomontagens, indicaram que alguns termos se tornaram corriqueiros na vivência das pessoas nas cidades, insinuando a presença de uma determinada imagem de memória urbana, por exemplo, "silenciosa" e "melancólica", especialmente no período mais crítico de restrições (abril a junho 2020). Assim, através da interpretação da percepção de "outros", foi possível demonstrar que, além de aspectos tangíveis de apreensão da paisagem urbana, aspectos intangíveis de sua compreensão foram, da mesma forma, impactados, o que nos motiva a reafirmar a definição do espaço habitado como uma imagem construída coletivamente e mediada, sobretudo, pela subjetividade.

Palavras-chave: pandemia; covid-19; cidade; paisagem; memória.

ABSTRACT

Urban landscapes suffer constant alterations that, at times, mark the collective imagination, at times camouflaged in the flow of time, often becoming imperceptible. In this sense, this article consists of an effort to understand the context caused by Covid-19 and a record of its impact on the impressions and memories that began to shape the landscape image of cities. Considering the restrictions on social circulation during the height of the pandemic, a meeting between literature review and application of an online questionnaire was adopted as a methodological research parameter to collect and approximate data from the scenario of nine capitals in the Brazilian Northeast. Through the treatment of qualitative and quantitative data, the cataloging of a general sample of 100 responses sought to identify how the interviewees perceived a very circumstantial landscape. The results, also formatted in the language of photomontages, indicated that some terms have become commonplace in people's experiences in cities, insinuating the presence of a certain image of urban memory, for example, "silent" and "melancholic", especially in the most critical period of restrictions (april to june 2020). Thus, through the interpretation of the perception of "others", it was possible to demonstrate that, in addition to tangible aspects of understanding the urban landscape, intangible aspects of its understanding were, in the same way, impacted, which motivates us to reaffirm the definition of space inhabited as an image collectively constructed and mediated, above all, by subjectivity.

Key-words: pandemic; covid-19. city; landscape; memory.

PERCEBENDO O INESPERADO

Perceber uma mudança muitas vezes requer uma sutil atenção. Este fenômeno se dá, dentre outros aspectos, considerando a abrangência do olhar, a velocidade e duração das dinâmicas no espaço-tempo que, além de balizarem o curso histórico, agem sobre a vida em si, interferindo em comportamentos e perspectivas.

No caso da pandemia de Covid-19, justo ao contrário, ela nos chegou deixando marcas visíveis nas dinâmicas do espaço habitado. Transformando habituais modos de vida, as medidas oficiais de confinamento e distanciamento social para contenção do vírus de efeitos fatais - como a quarentena e o *lockdown* - rearranjaram a performance paisagística de centros urbanos brasileiros, interferindo bruscamente na relação sujeito-cidade.

Com isso, além de aspectos tangíveis de percepção da paisagem urbana, aspectos intangíveis de sua compreensão foram, da mesma forma, impactados. O processo de construção da memória social, então, sofre uma drástica interferência no modo de ser e estar dos indivíduos a partir da cognição do fenômeno pandêmico, visto que a individualidade e a coletividade se constroem a partir de potencialidades culturais, sendo ajustadas de acordo com as inserções (sociais, culturais, espaciais, econômicas etc.) específicas do sujeito.

Sendo assim, a imagem da cidade, a qual usualmente é criada através da subjetividade, da experiência, do movimento dos corpos que a habitam e integram, passa por alterações na esfera protagonizada pela Covid-19. A imaginação se associa à memória e projeta no sujeito imagens imóveis e móveis, em diversos estágios de dinamização, de uma realidade anteriormente vivida, acessadas através da virtualidade, seja essa a do digital, a das lembranças ou a das expectativas (Cardoso, et al., 2021).

Desse modo, ao imaginar a paisagem, pensa-se nela em um movimento que se transforma pela interpretação de quem a projeta. Em outra conotação, a construção imagética da paisagem pode dar lugar ao armazenamento inconsciente de fatores subjetivos. É nesse sentido que, considerando o quanto a subjetivação dos sujeitos sociais atrelada às cidades sofreu marcas provocadas pelas diferentes fases da pandemia, registra-se aqui um olhar acerca dessa outra paisagem promovida pela Covid-19. Questionar sobre como o processo de construção da imagem-

-memória da paisagem urbana foi marcado pelo contexto pandêmico em que se inserem os habitantes das nove capitais nordestinas versa no sentido de contribuir para o avanço no entendimento sobre a percepção da cidade, a partir da conversação entre paisagem e imagem, quanto à maneira que a pandemia se materializa na memória e na criação de imagens mentais que conformam a percepção da dinâmica urbana. Dessa forma, a principal questão aqui é: até que ponto o imaginário preexistente é modificado pela Covid-19 e o que as diferentes paisagens pandêmicas causadas pela doença comunicam?

Assim, o texto que se segue está estruturado em cinco partes distintas, sendo a primeira e a segunda com abordagens conceituais a respeito dos termos “paisagem” e “memória”, aproximando a discussão ontológica do momento pandêmico iniciado em 2020. A terceira parte explica com um pouco mais de densidade os parâmetros metodológicos de acesso à interpretação da imagem-memória a partir da individualidade subjetiva dos sujeitos participantes da pesquisa, para, em seguida, discutir os resultados na quarta parte, correlacionando-os com os conceitos já apresentados. Por último, o tópico final procura suscitar provocações a respeito da imagem coletiva construída na memória da população, dentro do recorte adotado, na conformação do que consideramos neste recorte como paisagem urbana pandêmica.

A SUBJETIVIDADE E A PAISAGEM URBANA NA MEMÓRIA PANDÊMICA

Como objeto de estudo, a paisagem vem sendo investigada desde o início do século XX por diversas áreas do conhecimento, tais como: geografia, turismo, história, pintura, urbanismo, ecologia, cinema, literatura. Este interesse multidisciplinar se deve basicamente à relação intrínseca entre a paisagem e a trama fenomênica das sociedades. Sendo assim, as paisagens não se resumem a um produto finalizado, mas a uma série de eventos de produção humana (ou não) que desenrolam e conduzem o processo contínuo e incessante de desencadeamento de si. Deste modo, em seu processo de formação, enquanto “paisagens humanas”, o homem tece cenários que, de uma maneira ou de outra, interagem com os contextos previamente estabelecidos, herdados através do tempo construído.

Esses conceitos podem ser aplicados à pandemia de Covid-19 quando as diversas manifestações de cuidado e proteção imprimiram uma paisagem diferente da cotidiana, composta pela intensificação de fitas zebraadas, placas de alerta, medo e olhares distantes, impondo uma outra atmosfera de vivência da cidade. Sob este olhar, as perspectivas de entendimento das diversas manifestações da/na cidade perpassam para uma óptica mais ampla, que “desperta-nos para a sua compreensão da paisagem como um sistema complexo de relações entre pessoas e o espaço” (Silva et al., 2007, p. 356).

Essa trama de fenômenos transpassa a teia urbana e garante à paisagem o caráter de fluxo, mutação, mobilidade. No cerne desta comunicação, o conceito da teia urbana abrange elementos físicos movidos pelo desenho urbano, conexões e a subjetividade projetada. Isto acontece em virtude de anseios sociais que se transformam em cadências e intensidades múltiplas, em seus mais variados âmbitos, requerendo da paisagem a capacidade de adaptação a determinadas demandas, as quais nem sempre se mostram como novidade (Santos, 1997).

É a partir do entendimento do tempo como um elemento dinâmico que o conceito de “tempo pandêmico”, enquanto recorte crítico, existe na memória da linha histórica. Mesmo que seja futuramente marcado por lembranças e esquecimentos distorcidos, a teia covidiana, ou seja, os fatores que a envolvem, traçam e tecem, se perpetuará a partir de seus impactos e consequências. O registro da paisagem, assim, se torna presente no imaginário individual e coletivo por meio de um conjunto de fenômenos dinâmicos que, reorganizados em um determinado espaço, criam fragmentos imagéticos em função do tempo ao qual estão submetidos.

Assim, é necessário observar que, mais do que a materialidade, a imaterialidade também se faz presente, sendo edificada no eu pessoal através das imagens, perpetuando o fato de que cada paisagem urbana se associa intrinsecamente à subjetividade dos corpos que a habitam.

Os simbolismos atrelados aos jogos de poder e interesses dos corpos sociais recaem sobre o imaginário, onde, de certa forma, toda a nossa trajetória enquanto seres aterrissa sobre nossa visão/interpretação do mundo ao qual estamos inseridos. Assim, relacionando o atual contexto pandêmico e sua paisagem urbana com os simbolismos a ele associados, é possível considerá-lo:

Como um contexto abrangente de crise que (não obstante a multiplicidade das experiências que produz e a heterogeneidade dos contextos específicos com os quais interage) abalou a consistência dos universos simbólicos e afetou os mecanismos básicos de constituição do laço social (Bedê; Cerqueira, 2021, p. 179).

O vírus atua além do flagelo biológico, estando “à nossa imagem e semelhança” (Preciado, 2020, p. 168), intensificando as diversas formas de reprodução e apropriação humana do espaço nos corpos, que, tanto individuais quanto coletivos, se tornam territórios de “guerra” contra a hegemonia atual. Dessa forma, apesar de etimologicamente “pandemia” significar “todo o povo”, cada sociedade vai ser definida pelo modo que se organiza e reorganiza frente a ela (Preciado, 2020).

Preciado (2020, p. 184) cita ainda que “como o vírus muda [...] nós também devemos mudar”, mas ao longo de dois anos de pandemia algo mudou de fato ou o sistema organizacional da sociedade apenas se desarranjou? Se mudou, são alterações permanentes ou coexistências? Diversas questões parecem surgir, provocando o pensamento sobre as diferentes formas de ser e estar na cidade.

Figura 1 – Exemplo de marcos da paisagem urbana pandêmica.

Fonte: Acervo dos autores. Respectivamente: Foto 1 (Sobral-CE, 2021); Foto 2 (Maceió-AL, 2021); Foto 3 (Sobral-CE, 2021); Foto 4 (Sobral-CE, 2021)



Os impactos no imaginário são inevitáveis: de contato para distanciamento, de sorrisos para rostos cobertos por máscaras, com uma parcela da população em isolamento social, abrindo “mão da liberdade, da rua e do calor humano” (Oliveira; Gudina, 2020). Diversos elementos foram (in)corporados (ver Figura 1) como estratégias necessárias para a inibição da propagação do vírus sem que se impedisse o movimento da vida urbana, a citar indicações de distanciamento social e placas para uso obrigatório de máscara em parques, por exemplo, sabendo-se ou não do constrangimento que causam à identidade e trocas sociais.

Considerando as medidas básicas de prevenção e proteção contra o vírus, as ações de combate à pandemia levaram à conformação temporária de ruas com reduzido número de pessoas, locais onde os corpos (ou pelo menos os corpos que tiveram o privilégio de aderir ao isolamento social) não poderiam estacionar ou sequer se relacionar, pelos riscos de expor a própria vida e a do outro.

A MEMÓRIA COMO FENÔMENO IMAGÉTICO SUBJETIVO

A expressão “novo normal” foi amplamente utilizada para descrever o período que marcou a memória de coletividades pelo surgimento e difusão do vírus SARS-CoV-2, rearranjando, para vários grupos sociais, entre muitos fatores, os modos de viver na cidade, de forma que esse imaginário coletivo muda de “estar na rua” para “ficar em casa”, “introduzindo [...] um ‘desencontro’ entre a subjetividade e sua realidade (social) imediata” (Bedê; Cerqueira, 2021, p. 172).

Tal dialética entre revisão e manutenção de perspectivas, conceitos, valores e significados, anteriores e posteriores a acontecimentos disruptivos, pode impactar profundamente a maneira como os fatos conformaram as memórias sociais, e, assim, as identidades. Nesse sentido, Cassella (2021, p. 38) relaciona tempo e espaço na conjuntura de que “inevitavelmente, participam da trajetória da memória das culturas”, onde, a partir desse olhar:

A herança cultural aproxima o universo do sensível ao do ambiente urbano, transformando a paisagem em um acervo de símbolos mneômicos, pois a cidade ultrapassa a dimensão concreta de sua materialidade e invade a dimensão afetiva, por onde o simbólico se instrui e se constitui (Cassella, 2021, p. 38).

Assim, a memória tende a se formar pelas perspectivas dessa mistura de elementos que formam cenários a partir das experiências dos sujeitos individuais que, em coletividade, “moldam a herança cultural das cidades” (Cassella 2021, p. 38).

Contudo, Pollak (1992) afirma que tanto na memória individual quanto coletiva é importante destacar que, embora mutável, na maior parte das vezes existem fatores marcantes, imutáveis. Esses marcos se redesenharam na memória social e imprimem pontos relativos à identidade, sendo particulares em caso de eventos isolados e comunitários quando afetam um grupo de pessoas. Os mecanismos de construção da memória social se relacionam com a pluralidade de culturas, grupos e identidades em que o sujeito se insere e se apropria.

A imagem aqui tratada tem sentido reflexionante diferenciado do objeto capaz de representar o espaço em duas dimensões. Seu conceito atua alinhado à memória de forma que os resultados dessa mediação de-constroem a ideia de imagem estática e implementam um olhar diferenciado da conotação do apenas “ver”, contando, além de histórias, narrativas impressas na subjetividade. Apesar desta abordagem, não se exclui as imagens estáticas, fotográficas como objetos direcionadores do entendimento, pois estas também podem influenciar na construção da imagem-memória, por representarem um recorte de significados que farão parte do imaginário subjetivo dinâmico.

Esta imagem capturada pela fotografia e/ou pela memória, pode promover um movimento do indivíduo em relação à paisagem, para que seja possível uma reflexão, em maior ou menor escala, sobre sua associação de símbolos e códigos, “tornando-a extensão qualificada dela mesma perante os olhos simbólicos que a recupera” (Koury, 1999, p. 66). Considerando o acesso à interpretação subjetiva da paisagem urbana pandêmica pela memória do outro, a figura 2 configura visualmente essa leitura profusa a partir dos autores e os elementos/contextos que desenharam algumas de suas respectivas experiências, seja pela vista da janela do prédio, o uso constante do álcool, as máscaras de tecido penduradas na entrada de casa ou a esperança pelo retorno à convivência urbana com aglomerações, toques e rostos descobertos.

Figura 2 – Montagem feita a partir de registros fotográficos dos autores, representando uma parcela da profusão subjetiva de símbolos e códigos presentes em suas imagens-memórias da paisagem pandêmica.

Fonte: Acervo dos autores (2021)



No cenário pandêmico, tais imagens se tornam intermédio entre as pessoas e o mundo, as janelas metaforicamente criadas para o recorte do contexto. E a forma como os elementos são percebidos, captados e selecionados de acordo com a memória seletiva e seus impactos no eu subjetivo são diretamente relacionados a essas construções. Um mosaico de imagens-memórias que satura e, ao mesmo tempo, dessatura camadas próximas (dos passos de um familiar se aproximando da porta de entrada de casa; parando; tirando os sapatos; borrifando álcool nos objetos pessoais antes de entrar...) ou distantes (do sino da igreja do bairro que já não toca de hora em hora...). Assim como as camadas sonoras, muitos outros aspectos se mesclam à paisagem, na subjetividade imagética construída e desconstruída pelo período mais crítico da pandemia.

É nesse cenário pandêmico que o discurso de um tempo e lugar específico remete a construção da imagem onde a imaginação e memória atuam, incluindo também as subjetividades preexistentes que não se limitam a este recorte.

Dentro deste enunciado, a memória torna-se reflexionada através do conjunto de imagens discursivas refletidas no espaço-tempo analisado. Imagens essas, selecionadas para serem lembradas ou esquecidas, conforme as necessidades do sujeito. Neste sentido, é substancial considerar a influência da mídia, das redes sociais, e dos diversos modos e instrumentos de edição, promoção e circulação das imagens capturadas, que podem ser agentes ou vetores de agregação, ou subtração de acepções dos sentidos a elas associados, também influindo na construção

do conjunto de imagens da memória social (Koury, 1999). Na conjuntura pandêmica esta realidade foi intensificada, já que, nos períodos mais rígidos de isolamento social, algumas pessoas acessavam e trocavam informações principalmente através das mídias sociais.

Dessa forma, ser e habitar um mundo pandêmico revela suas potencialidades, principalmente pelas impressões nas subjetividades individuais e coletivas. Especialmente pelo fato de que os fenômenos sociais e a prática de ser e estar acontecem em movimento, de forma retórica, e este atuar retórico se faz presente no eu que se constrói em relação ao outro (Fonseca, 2020).

ACESSANDO A PAISAGEM DO OUTRO

Com abordagem quali-quantitativa, o estudo de natureza aplicada e objetivos exploratórios adota a pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico, e se utiliza do questionário online como instrumento de coleta de dados (Silveira; Córdova, 2009), que funcionou enquanto ferramenta primordial para agregar à discussão o empirismo e a subjetividade das respostas coletadas. De maneira que, a partir da análise das informações, os resultados puderam ser comparados e/ou contrastados com os conceitos e fundamentações teóricas, para assim buscar atingir o objetivo da investigação.

O questionário público e anônimo foi composto por 14 questões no total, especificamente oito perguntas fechadas, uma pergunta mista, esta última com itens de múltipla escolha e espaço optativo para acrescentar comentários, e cinco perguntas abertas, sendo uma delas opcional e outra que requeria apenas a informação sobre a cidade e o bairro do candidato sem identificá-lo, respeitando as diretrizes éticas que apresenta a Resolução CNS nº 510/2016. As perguntas buscaram dar enfoque ao modo como os entrevistados perceberam a paisagem urbana pandêmica e se inseriram nela, segundo os elementos, signos e significados a ela associados, relacionando-os com a imagem-memória subjetiva do indivíduo.

Tal instrumento veio a ser elaborado e aplicado através da plataforma *online Google Forms*, que demonstrou boa agilidade e potencial de direcionamento ao público alvo requerido e colheu respostas durante cinco dias, no período de 14 a 19 de julho de 2021. A divulgação do formulário ocorreu através da internet, com o uso das redes sociais (Instagram e

Whatsapp), por permitirem uma maior dinamicidade e ampliação da disseminação das informações.

Na demarcação do recorte da investigação, foram adotados os grandes centros urbanos nordestinos (Maceió, Fortaleza, Teresina, Salvador, Sergipe, João Pessoa, Natal, Recife e São Luís), considerando a complexidade socioespacial de tais porções urbanas, em vista do adensamento e diversidade de agentes sociais e seus múltiplos modos de produção, apreensão e apropriação da paisagem. Desta forma, no questionário solicitou-se que apenas residentes das áreas citadas participassem. Esta delimitação se deu pela familiaridade dos autores do presente artigo com as cidades mencionadas, por morarem em três capitais nordestinas distintas, o que implicou em maior agilidade na propagação online do questionário e na obtenção das respostas, além da aproximação e vivência com estas paisagens pandêmicas, partindo também de suas próprias experiências.

¹ Endereço de acesso à plataforma: <https://pt.surveymonkey.com/mp/sample-size-calculator/>.

Entendendo-se a especificidade do contexto e a busca por um universo de apreensões a serem qualificadas, o cálculo para a definição da amostra foi realizado através da plataforma *online* Survey Monkey¹, que utiliza fórmula de tamanho amostral variando o resultado a partir da margem de erro adotada, onde para uma estimativa de 11 milhões de habitantes, considerando o somatório populacional das nove capitais nordestinas, grau de confiança de 95% e margem de 10%, a fim de considerar os possíveis desvios de uma coleta realizada à distância, chegou-se ao total mínimo de 97 respostas a serem alcançadas na pesquisa, aproximando-se o cálculo amostral para 100 questionários, conforme a figura 3:

Figura 3 – Cálculo amostral através da plataforma Survey Monkey.

Fonte: Plataforma Survey Monkey, elaborado pelos autores (2021)



Escolheu-se a ferramenta mencionada para o cálculo amostral após pesquisas iniciais na plataforma Scielo que demonstraram o uso e aplicações de trabalhos que enveredaram por esse caminho. Como resultado,

foram encontrados diversos artigos, principalmente na área da saúde, que utilizaram a Survey Monkey tanto para cálculo da amostra quanto para divulgação dos questionários.

Após a coleta destas respostas, seguiu-se para a interpolação dos dados e, por se tratar de uma consulta de caráter qualitativo e quantitativo, foi adotado o método de análise de conteúdo temática nas respostas às perguntas abertas, buscando “descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (Bardin, 2003, p.105). O estudo se deu em três etapas: pré-análise das respostas; exploração do material pela organização e codificação em categorias; e, por fim, o tratamento dos resultados (Gerhardt *et al.*, 2009, p. 84).

A interpretação e discussão dos resultados se deu com base em suas codificações. As respostas foram separadas por categorias de classificação caracterizadas por indicadores que compuseram o instrumento de discussão (Lakatos; Marconi, 2010). De acordo com Lakatos e Marconi (2010), além do instrumento de análise é necessário determinar a unidade, que se trata dos elementos e conteúdo das respostas a serem consideradas. De maneira geral, considerou-se a ideia transmitida pela resposta completa como unidade de interpretação.

Assim, por meio da análise das perguntas abertas tornou-se possível perceber palavras recorrentes no imaginário individual de cada respondente, compilando-os à medida que se repetiam. Termos como “vazio” e “silêncio”, por exemplo, sinalizavam um desenho específico de paisagem pandêmica configurada por percepções distintas. Enquanto as perguntas fechadas geraram dados percentuais e peças gráficas que permitiram interpretar quantitativamente situações colocadas aos entrevistados no intuito de entender como a maior parte das respostas se direcionava e que possível paisagem pandêmica se conformaria através desses dados.

As fotomontagens dispostas ao longo do texto são representações de imagem-memória que dão visualidade a interpretações subjetivas dos autores, também respondentes. Munidos de máscaras, álcool em gel e uma câmera fotográfica, registraram-se exemplos diversificados de sinalizações que moldaram a performance humana nas cidades, de áreas com interpolações específicas de trânsito (com o uso obrigatório de

máscaras) a situações de impedimento total ou parcial de circulação das pessoas (marcações com fitas zebradas), por exemplo.

IMAGEM-MEMÓRIA DE UMA PAISAGEM PANDÊMICA

Considerando que é na subjetividade das experiências individuais e coletivas que o conjunto de imagens e memórias da paisagem se constrói e se relaciona, entende-se a paisagem urbana como aquilo que vai além da organização visual de elementos naturais e edificados, sendo constituída também pelas vivências sensíveis que conformam o espaço. Foi a partir deste direcionamento que as perguntas do questionário aplicado online foram construídas.

Em maior ou menor proporção, obteve-se respostas de todos os estados. Os 100 questionários respondidos assim se dividem: Piauí (28), Alagoas (14), Ceará (14), Sergipe (13), Paraíba (10), Pernambuco (6), Rio Grande do Norte (5), Bahia (5) e Maranhão (5).

O método de análise temática de conteúdo adotado é demonstrado com a síntese abaixo (ver Quadro 1), referente à pergunta que solicita que os sujeitos descrevam a paisagem pandêmica de sua cidade (questão 1). Foram definidas quatro categorias gerais com base no conteúdo das respostas e detalhou-se os indicadores que caracterizam tais grupos, separando e destacando trechos importantes para agregar à discussão dos resultados.

Quadro 1 – Amostra de análise das respostas à pergunta: “Como você descreveria a paisagem urbana da sua cidade no período mais crítico de restrições (abril a junho de 2020) da pandemia da Covid-19? Que elementos lhe vêm à cabeça?”

Fonte: Autores (2021)

Categorias	Indicadores	Respostas
1. Dinâmica urbana	Ausência de pessoas nas ruas; estabelecimentos e espaços públicos e privados fechados; diminuição dos fluxos.	“Cidades sem vida, poucas pessoas nas ruas.”
2. Subjetividades	Medo; silêncio; vazio; abandono.	“Tudo muito silencioso que, ao mesmo tempo, remetia a calma, também era angustiante. Lembro das árvores, avenidas vazias, os pássaros e o medo.”
3. Elementos	Portas; janelas; varanda; máscara; casa; rua; carros; pessoas; prédios; obra; natureza; cidade.	“O silêncio das ruas, verde forte das árvores e as pessoas nas varandas dos prédios.”
4. Desrespeito às medidas de contingenciamento	Aglomerações; pessoas sem máscara.	“O bar que fica em frente à minha casa lotado de pessoas.”

As respostas das demais perguntas abertas que compuseram o questionário passaram pelo mesmo processo de análise, para que fossem identificados os núcleos de sentido das temáticas presentes no conteúdo. Criou-se um modelo de registro para sistematização dos dados, onde cada pergunta foi associada a uma tabela, que apresenta categorias e indicadores próprios.

A figura 4 exemplifica como as respostas foram recebidas através do questionário e também como a configuração da paisagem pandêmica estava se formando no imaginário coletivo, onde mesmo respondendo aos questionamentos de maneira isolada em relação aos demais participantes, diversas palavras foram se repetindo, criando determinadas impressões na memória das pessoas. O exemplo abaixo seleciona apenas as 8 primeiras respostas à pergunta aberta de número 1, mas o mesmo tratamento sucedeu-se aos demais 92 retornos, repetindo a dinâmica a todas as questões em que os entrevistados estiveram mais livres para retornar com suas próprias palavras as impressões vividas durante a pandemia e provocadas por meio do questionário.

Figura 4 – Estratificação dos termos das perguntas abertas, tendo como exemplo o questionamento número 1.

Fonte: Autores (2021)

1. Como você descreveria a paisagem urbana da sua cidade no período mais crítico de restrições (abril a junho de 2020) da pandemia da Covid-19? Que elementos lhe vêm à cabeça?
100 respostas
<u>Vazia</u>
<u>Ruas vazias</u>
<u>Deserto</u>
<u>Mais vazia. Fernandes lima menos cheia</u>
<u>Ruas com pouco movimento, espaços públicos vazios</u>
<u>Bom, nessa época eu morava em Aracaju, porém essa é a resposta que eu só tenho como responder com base na minha rua. Eu não saí de casa nesse momento, então o que eu vi foi basicamente minha rua deserta.</u>
<u>Cena de filme, cidade vazia, cidade abandonada, fantasma.</u>
<u>Comércio, escolas e instituições fechadas, com ruas vazias, sem pessoas nem carros (e outros meios de transporte) circulando.</u>

Dessa maneira, partindo da categorização montada no quadro 1 em paralelo com a estratificação exemplificada na figura 4, montou-se o quadro 2 com os termos mais recorrentes e que permitiram desenhar a discussão da pesquisa contrastando a vivência pré-pandemia com a experiência pandêmica, entendendo a partir de determinadas indicações como se deu a relação com a cidade nesse período (mais especificamente de abril a junho de 2020). É possível perceber, para além dos ter-

mos repetidos com ênfase, algumas similaridades que vão desenhando essa paisagem pandêmica como “vazia”, “deserta” e “fantasma”, em comparação ao “movimento”, “barulho” e “agitada” do período anterior a abril de 2020.

Quadro 2 – Termos extraídos das perguntas abertas que auxiliaram em uma comparação da paisagem pandêmica com o período anterior a abril de 2020.
Fonte: Autores (2021)

DIRECIONAMENTOS	Descrição da paisagem urbana no período de abril a junho de 2020:	Imagem da cidade no período pré-pandêmico:	Relação com a cidade de abril a junho de 2020:
TERMOS EXTRAÍDOS	Ruas, pessoas, cidade, vazio, casa, deserto, caótica, parada, isolada, medo, silêncio, atípico, natureza, desordem, esvaziamento, máscara, fantasma, abandono, bonita, pausa, verde.	Cidade viva, cheia, caos, movimento, trânsito, barulho, agitada, felicidade, pessoas, conectividade, atividade, fluidez, engarrafamento, liberdade, poluição	Isolamento, janela, home office, observador, casa, restrita, supermercado, internet, distante, cuidadosa, lar, trabalho, indiretamente, insegurança.

Partindo para a discussão dos resultados, registrando não só os trechos das perguntas abertas, à luz da análise de conteúdo temática, como também os quantitativos das perguntas fechadas, os dados foram contextualizados à discussão aqui proposta, à medida que são comparados e contrastados com o referencial teórico adotado.

Os signos e significados que conformam o imaginário social da paisagem urbana perpassam por elementos de caráter físico, mas, sobretudo, subjetivo. Ao voltarem a atenção para os meses de abril a junho de 2020, quando as grandes centralidades urbanas brasileiras entraram em quarentena, e descreverem a paisagem pandêmica de sua cidade e os elementos a ela atrelados, a memória dos participantes, indiretamente, destaca marcas destes elementos:

Cena de filme, cidade vazia, cidade abandonada, fantasma; Sempre brinco que vou conhecer Maceió novamente pós-pandemia, porque não estou saindo de casa desde o início da pandemia (Meu percurso é restrito até o supermercado próximo). Então, diria que se constrói diante dos prédios que eu vejo da minha janela, do barulho intenso de obra na vizinhança, das buzinas da avenida mais próxima, do cheiro de almoço na casa ao lado aos fins de semana; Paisagem melancólica, máscara, fita zebra (Respostas ao questionário).

Mesmo com o tempo de distanciamento deste passado marcante, os sujeitos seguiram simbolicamente imersos em lembranças e esquecimentos associados às medidas de contingenciamento adotadas, que mudaram temporariamente a paisagem urbana.

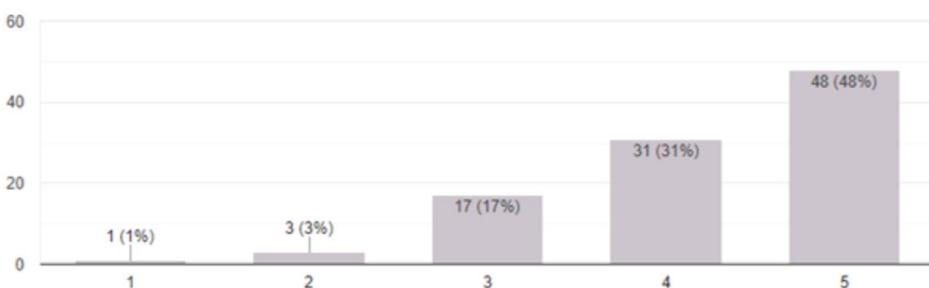
No caso das perguntas fechadas, estabeleceu-se uma escala de 1 a 5, variando de muito pouco (1), pouco (2), regular (3), muito (4) e bastante (5), como forma de captar as percepções dos participantes com diferentes níveis de especificidade. Dessa forma, considerou-se como alto ponto de concordância aqueles que optaram pelos graus 4 e 5, somando-se seus respectivos percentuais na intenção de criar um dado unificado dentro da amostragem geral, conforme exemplificado abaixo no gráfico 1, sendo este processo repetido para todas as demais perguntas que direcionavam de maneira mais objetiva e numérica os entrevistados.

Gráfico 1 – Respostas dos participantes conforme escala de 1 a 5 para a pergunta fechada de número 2, exemplificando a captação dos dados percentuais mediante respostas ao questionário:

Fonte: Autores (2021)

2. Você percebeu a diminuição do número de pessoas nas ruas durante esse período (abril a junho de 2020) da pandemia?

100 respostas



A diminuição do número de pessoas nas ruas foi uma das percepções do início da pandemia de Covid-19, ressaltada por 79% das pessoas respondentes (dado obtido somando-se as respostas de níveis 4 e 5 do gráfico 1). Pode-se dizer que a mídia e a tecnologia têm forte interferência nesta percepção, considerando que, no decurso da quarentena, os que puderam, permaneceram a maior parte do tempo em casa, se relacionando com a paisagem da cidade por intermédio destas ferramentas.

A tecnologia, através das mídias e das redes, influiu no caráter imagético de construção dessa ou dessas imagens de cidades “vazias”, restringindo ou ampliando esferas “concretas e metafóricas”, alimentando assim os valores, as identidades e os significados socioculturais que podem favorecer a produção e o consumo, mesmo em períodos de crise.

As referências e os significados fazem parte da mesma teia, logo, se torna inviável separá-los, da mesma maneira que tentar separar paisagem e natureza, material e imaterial, concreto e abstrato. Por isso, se torna também inviável separar a paisagem urbana da dinâmica social a que está inserida. Neste sentido, 84% das respostas afirmaram que a diminuição de pessoas nas ruas altera a paisagem urbana, indo ao encontro

da ideia de que paisagem e os sujeitos sociais que a formam e transformam são também por ela formados e transformados, enfatizando esta correlação. Porém, concordando com Vieira (2006), há que se atentar para a diferença entre distinção e separação. Assimilar sob que aspectos cada aparente dualidade funciona, não é o mesmo que ignorar seus graus de correlação.

Abordando a imagem capturada por mecanismos tecnológicos, Koury (1999, p. 61) discorre sobre a capacidade desta imagem, e seu recorte temporal e espacial, de agregar “subjetividades que vão além ou aquém deste recorte”. Para o autor, o caráter político do registro da paisagem denota os interesses da ação do sujeito social, ante seus estereótipos e limitações (Koury, 1999). A imagem-memória da paisagem também se constrói baseada em recortes temporais e espaciais, subsidiada pelas imagens dinâmicas e estáticas capturadas naturalmente no passado, pela memória, ou artificialmente, pela tecnologia. Quando grande parte dos sujeitos participantes expressam que a imagem da cidade pré-pandêmica que prevalece em sua memória está associada a um estereótipo, a eventos ou a recortes específicos, corrobora com o que defende Koury (1999):

Carnaval, cidade lotada, colorida, caótica; Imagino meus lugares de lazer (praia e praça) cheio de pessoas sem máscaras, especificamente grupos de amigos próximos, num dia ensolarado; Não consigo pensar em outra coisa fora da ideia de normalidade. Minha última memória pré-pandemia é o carnaval... Completo oposto do que a cidade virou hoje! (Respondentes ao questionário).

Dessa forma, a paisagem materializada através das imagens descritas é politizada, “tornando-a discursiva através da politização, no sentido humano do agir. Torna-a possível de ser paisagem enquanto caráter simbólico que remete a valores sociais e subjetivos específicos” (Koury, 1999, p. 61).

Quando questionadas sobre a mudança desta imagem da cidade pré-pandemia para a imagem da cidade pandêmica, 71% das pessoas consideram que houve mudança na maneira que estas imagens se constroem, agora contaminadas pelo contexto e pelas experiências que o período de crise sanitária e humanitária gerou.

Os arranjos de elementos que compõem a paisagem são formados por uma “tipologia baseada em sistemas materiais e sistemas de valores”

(Serpa, 2010, p.134), por isso, é necessário olhar a paisagem a partir de suas diferentes escalas, correlacionando o contexto socioespacial, cultural, econômico e político em que se insere, e entendendo que ela faz parte de um todo, influenciando e sendo influenciada por ele. Confirmado esta ressonância da paisagem com o contexto socioespacial em que se integra, a imensa maioria dos participantes (97%) acredita que a paisagem urbana se relaciona diretamente com a presença das pessoas nos espaços da cidade.

É interessante entender como as pessoas lidaram com as restrições e de que forma foram afetadas por elas a fim de perceber suas relações com a cidade, que podem se dar de diversas maneiras. Assim, ao voltar suas lembranças para o período mais crítico da pandemia (abril a junho de 2020), a maioria dos respondentes (69%) tiveram, em algum grau, sua rotina desarranjada, o que impacta diretamente nas formas de ser e estar no meio urbano.

Sendo assim, é através desse impacto que o relacionamento muda. A partir da popularização do 'fique em casa', o 'novo normal' passou a ser revisitado os espaços do lar (privilegio não disponível para todos) e lidar com a cidade apenas indireta ou superficialmente, dentro do considerado 'essencial'. E, nesse contexto, as janelas físicas, virtuais e emocionais foram vistas como escapes do enclausuramento, levando os sujeitos de voz ativa à passiva, como expectadores. Quando perguntadas sobre o relacionamento com a cidade, algumas pessoas responderam:

A cidade ficou distante, só podia ser observada pela janela, quase como se fosse um filme passando... Você assiste, mas não tá lá de verdade; No período em questão desenvolvi práticas de observação e descrição da paisagem urbana através do recorte das janelas física, virtual e emocional. Então me relacionei tanto com a cidade em que habito quanto com aquela que habita dentro de mim; Expectadora do que conseguia observar através da janela da minha casa" (Respostas ao questionário).

Diante disso, como se dá o processo de formação da memória da cidade sem a vivência nas ruas enquanto elemento físico essencial de promover trocas sociais, ou seja, o sentido do urbano? Aproximando-se do processo ricamente conceituado na literatura, como visto, a imensa maioria (97%) dos contribuintes com o questionário acredita firmemente no papel da memória como elemento de grande importância para a formação da imagem da cidade. Imagem esta que, no período pandêmico, é

marcada pela presença da máscara, marcações no chão e ausência das pipas no céu. De forma que, no caso da individualidade, essa memória se restringe às percepções próprias de cada um, já em relação ao coletivo, podem rememorar a cultura de um povo.

Inseridos no panorama da pandemia, alguns sujeitos são rodeados por uma quantidade limitada de signos e, por não imergirem no quadro real, o uso de seus sentidos se restringem ao ambiente de isolamento, não podendo/devendo tocar, cheirar, experimentar além destes limites físicos.

Alguns rostos são imediatamente cobertos pela máscara, que também se apresenta virtualmente, por meio das impressões causadas pelas redes sociais (Preciado, 2020). Os rostos que antes se comunicavam diretamente, sem empecilhos, adquiriram acessórios que não só dificultam a comunicação, mas também a formação da imagem e identidade enquanto indivíduos. Logo, ao serem questionados sobre o uso da máscara enquanto elemento que interfere nessa formação, grande parte (49%) encontra-se ciente dessas dificuldades e modos de reagir perante os fatos.

Sendo assim, os sujeitos são construídos e de-construídos através destas percepções que se constituem historicamente como experiências nas relações sociais, permitindo o entrelaçamento de personalidades e identidades distintas na qual o imaginário atua em acordo com a memória seletiva.

Retrocedendo às memórias pré-pandêmicas, 99% das pessoas afirmaram que sentem falta de algo, seja viver a cidade, conviver com outras pessoas, poder usufruir do direito à cidade, participar da dinâmica urbana através das relações pessoais e demais possibilidades existentes, onde a sensação de liberdade pré-restricções foi o sentimento mais citado:

Sinto falta de ter a opção de me sentir livre; Sinto falta de expressar o sentimento (abraçar, ficar junto, conversar, dar risada); e Viver a cidade é se relacionar com as pessoas. Sem pessoas não existe cidade (Respostas ao questionário).

Assim, os relatos obtidos através do questionário terminam por concordar com a literatura ao trazer a crise sanitária como fator no processo de concepção de “posturas subjetivas dos sujeitos em relação à sociabilidade”. Além de potencializar o contexto de contradições, provocados

por práticas neoliberais já instauradas, adicionando ainda mais camadas de desorientação dos sujeitos sociais em vislumbrar, rememorar e se localizar nesta conjuntura (Bedê; Cerqueira, 2021).

Motivados pela pergunta opcional, com espaço para os respondentes acrescentarem comentários sobre o questionário, alguns trechos citados são interessantes para ampliar o olhar dentro das perspectivas encontradas:

Viver em uma das maiores pandemias da história trouxe transformações irreversíveis na vida das pessoas e, consequentemente, na vida urbana. A maior questão que pode ser levantada nessa reflexão seria: existe cidade sem relações humanas?; O não poder vivenciar a cidade, me deu a percepção do quanto é importante vivê-la (Respostas ao questionário).

Desse modo, diante da discussão levantada, é possível compreender como a dinâmica pandêmica, ocasionada pela Covid-19, influenciou, em maior ou menor medida, o processo de construção da imagem-memória da paisagem urbana das capitais nordestinas.

CHÃO SEM GENTE, CÉU SEM PIPAS, CORPO SEM BOCA, CIDADE SEM...

A proposta de pensar a paisagem urbana através do “tempo pandêmico”, correlacionando-a com as imagem-memórias construídas no período de crise, se tornou uma tarefa, sobretudo, de interpretação subjetiva, onde a formação desta imagem na memória cotidiana tende a desenvolver aspectos fixos, imutáveis, mas também voláteis, que se desenrolam no fluxo temporal e passam da lembrança ao esquecimento, a linha tênue entre existência e ausência.

Durante o período mais restritivo das medidas de contingenciamento, a paisagem melancólica provocada pela diminuição do fluxo humano nas ruas denota a formação de uma imagem da cidade caracterizada pela pausa e silêncio, onde os principais atores, quando podem, interagem com o meio urbano através de suas janelas. Para a maioria dos respondentes, a paisagem se voltou para dentro, para o privado e a cidade vivida virou lembrança, expectativa e imaginação...

As memórias formadas ao longo do percurso são também diversas e representam tanto as percepções individuais de cada sujeito quanto coletivas. A pandemia de Covid-19 abre espaço para um esforço interpretativo ainda não vivenciado na era das comunicações, onde a propagação das informações se dá quase de forma instantânea e o imaginário tende a se formar, neste recorte de espaço-tempo, com base naquilo que é visto e ouvido. Sabe-se também que os impactos são gerados de formas diferentes, pois existem aqueles que não puderam isolar-se, os que estavam à frente dos cuidados nos hospitais, os que possuem a rua como abrigo e, mesmo diante dos que ficaram em casa, as variáveis de percepção são inúmeras (idade, gênero, atuações, circunstâncias...). Por isso, a intenção da abordagem desta pesquisa foi promover uma visão abrangente sobre a experiência urbana durante a pandemia, mesmo considerando que dentro do recorte adotado, diversas outras especificidades existem...

Colaborando para a compreensão acerca de como o citado contexto influencia o processo de concepção imagética da memória da paisagem urbana, percebeu-se que o período pandêmico, de certo modo, rompeu com tradições cotidianas de viver a cidade e as relações entre seus indivíduos. A imagem da paisagem da Covid-19, com seus chãos, céus e corpos, parece ter se tornado mais parada, menos emocionante, mais restritiva, menos confiante, interferindo direta e/ou indiretamente na rotina da comunicação. Com a boca coberta, constrangemos a voz, a expressão facial e as inúmeras possibilidades de demonstração sensíveis que ela provoca, de alegria a desdém; inibimos identidades e, ao mesmo, provocamos outros códigos de aproximação coletiva, como o toque de cotovelos, e reforçamos outros, como potencializar a audição e sorrir com os olhos...

Nesse sentido, refletir sobre o inesperado e a criatividade dos gestos diante dele significa desenvolver a sutileza de entendimento dos movimentos da vida, do espaço que ela cria e dos fenômenos que ela envolve, ou seja, dos modos de produção da imagem-memória que configura a paisagem construída, apropriada e percebida.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2003.
- BEDÊ, Francisco Julião Marins; CERQUEIRA, Gabriel Souza. Desapego apaixonado: subjetividade, política e pandemia. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, v. 26, n. 1, p. 163-181, 2021. Disponível em: <https://www.sumarios.org/artigo/desapego-apaixonado-subjetividade-pol%C3%ADtica-e-pandemia>. Acesso em: 25 abr. 2021.
- BERTOLI, Daiane. Da paisagem da imagem à imagem da paisagem e vice-versa. **Geosul**, v. 27, n. 53, p. 7-22, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2012v27n53p7>. Acesso em: 05 maio 2021.
- CARDOSO, Arlindo; OLIVEIRA, Karina; FEITOZA, Suzany; SILVA, Maria Angélica da. Notas sobre a memória: experiências do corpo frente a cidade do contexto da pandemia. In: OLIVEIRA, Roseline; MICHAELLO, Juliana (org.). **Corpos, casas, cidades e tempos de pandemia**. Maceió: Edufal, 2021. p. 94-103.
- CASSELLA, Tamires. **Imagens-memória**: narrativas fotográficas da arquitetura moderna de Maceió. 2021. 215f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. As mediações da paisagem. **Líbero**, São Paulo, v. 29, n. 15, p. 43-50, 2012. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/295>. Acesso em: 03 maio 2021.
- FLUSSER, Villem. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 2009.
- FONSECA, Débora Cristina. Ser e estar em um mundo pandêmico: marcas da Covid-19 na subjetividade. Bauru. **RIDH – Revista Interdisciplinar dos Direitos Humanos**, Bauru, v. 8, n. 2, p. 111-120, 2020. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/ridh3/index.php/ridh/article/view/17>. Acesso em: 25 abr. 2021.
- GERHARDT, Tatiana Engel; RAMOS, Ieda Cristina Alves; RIQUINHO, Deise Lisboa; SANTOS, Daniel Labernarde dos. Estrutura do projeto de pesqui-

sa. *In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). Métodos de pesquisa.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 67-90.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Imagem e Narrativa – Ou Existe um Discurso da Imagem? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 59-68, dez. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/77CmPFmPrwjhvWP8kQkZCXd/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

LAKATOS, M. E.; MARCONI A. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

OLIVEIRA, Roseline; GUDINA, Andrej. Fique em casa e lave suas mãos: notas sobre a cidade do não-circular. **Arquitextos**, ano 20, n. 239.01, 2020. Disponível em: <https://vitrivius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.239/7701>. Acesso em: 20 ago. 2021.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 13 maio 2021.

PRECIADO, Paul B. Aprendendo com o vírus. *In: AGAMBEN, Giorgio et al. Sopa de Wuhan*. Rio de Janeiro: Siesta, 2020. p. 163-185.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SERPA, Angelo. Milton Santos e a paisagem: parâmetros para a construção de uma crítica da paisagem contemporânea. **Paisagem e Ambiente**, n. 27, p. 131-138, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/77376>. Acesso em: 04 jun. 2021.

SILVA, Maria Angélica da; OLIVEIRA, Roseline; MOTA, Melissa. Gestos Humanos, Gestos Urbanos: Memórias Cotidianas da Paisagem Colonial Alagoana. **Paisagem e Ambiente**, n. 24, p. 355-362, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/86470/89163>. Acesso em: 23 maio 2021.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33-44.

VIEIRA, Daniel de Souza Leão. Paisagem e Imaginário: Contribuições Teóricas para uma História Cultural do Olhar. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, v. 3, n. 3, p. 1-14, 2006. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/811>. Acesso em: 05 maio 2021.